

Manuel de Arriaga na redação do Tribuna das Ilhas

“Lutei pela democratização e laicização das instituições”

Enquanto a Escola Manuel de Arriaga comemorava o seu Dia, o *Tribuna das Ilhas* recebeu uma visita especial do distinto faialense Manuel de Arriaga, patrono daquele estabelecimento de ensino.

Incarnado por Victor Rui Soares, Manuel de Arriaga dispôs-se a conversar connosco. Da cumplicidade do momento, nasceu esta insólita mas instrutiva entrevista.

Tribuna das Ilhas – Muito boa tarde! Então temos a honra de falar com...

Manuel de Arriaga – O meu nome completo é Manuel José de Arriaga Brum da Silveira e Peyrelongue, e fui o primeiro presidente constitucional da República Portuguesa. A minha vida foi de luta intensa, quer durante os últimos decénios da Monarquia Constitucional, quer no decorrer dos primeiros tempos da República.

TI – Que cargos desempenhou Manuel de Arriaga antes de chegar à presidência da República?

MA - Fui professor, advogado, deputado, procurador-geral da República, reitor da Universidade de Coimbra e, com 71 anos de idade, fui eleito presidente da República, no dia 24 de agosto de 1911.

TI – Fale-me dos seus verdes anos e da educação que recebeu.

MA - Nasci na Horta no dia 8 de julho de 1840, oriundo da aristocracia faialense, fui educado por uma perceptora norte-americana que nesta cidade vivia por conta da família Dabney. Meu pai, Sebastião de Arriaga, era muito conservador e, por isso mesmo, transmitiu-me valores judaico-cristãos e princípios muito austeros. A minha infância e a minha adolescência foram de uma grande felicidade. Adorava viajar para a ilha do Pico, onde a minha família veraneava no solar do Guindaste, pacato recanto da freguesia da Candelária.

TI – Muito jovem saiu do Faial e matriculou-se em Direito na Universidade de Coimbra.

MA - Coimbra marcou-me intelectualmente, e moldou-me no plano político. Cedo aderi ao ideário republicano, com graves consequências para mim, pois meu pai, monárquico convicto, deixou de me pagar a mesada e, pior do que isso, deserdou-me... Sobrevivi dando explicações particulares de inglês... E privei de perto com o meu irmão José de Arriaga Brum da Silveira, eminente historiador republicano.

TI – Manuel de Arriaga fica na história por ter sido um dos fundadores do Partido Republicano Português, de cujos princípios foi acérrimo defensor. Além disso, defendia o positivismo, o democratismo, o nacionalismo colonialista e antibritânico. Foi um idealista?

MA - Fui um idealista e um romântico, talvez o último romântico da minha geração. Os meus ideais eram os ideais humanitários preconizados pela Revolução Francesa e que se espalhavam por toda a Europa através da imprensa e da propaganda político-social.

TI – TI – Em 1871 contraiu matrimónio



com Lucrecia Augusta de Brito Berredo Furtado de Melo, de quem teve seis filhos – dois rapazes e quatro raparigas. Uma vida familiar e política muito preenchida. Fale-me da sua atividade política.

MA - Fui eleito deputado pelo Partido Republicano Português e conheci sucessivas vitórias eleitorais. Fui, acima de tudo, um ideólogo da República, defensor de um gradualismo legalista e não revolucionário. Nunca peguei em armas. As minhas armas eram as palavras. Não participei nos trabalhos conspiratórios do 5 de outubro, não fui para a rua fazer a revolução. Mas fui sempre uma referência histórica e algo decorativa para os republicanos. Romântico da política, não faltou quem me tivesse acusado de alguma ingenuidade política...

TI – Aliás, houve um período da sua vida em que se afastou da política. Quer comentar?

MA - Sabe, os tempos não corriam fáceis para a República. Com os boicotes eleitorais que se sucederam entre 1894 e 1903, eu fiquei de tal maneira contristado que me afastei da política ativa em 1900, contava então 60 anos de idade.

TI – O que fez durante esse período da sua vida?

MA -Esses anos de afastamento político levaram-me à escrita e foi um período marcado por uma intensa atividade literária. Entre 1882 e 1911 escrevi 32 opúsculos, publiquei livros de poesia (“Canto ao Pico”, 1888, “Cantos Sagrados”, 1899, e “Irradiações”, 1901), de prosa, ensaios jurídico-políticos, escritos didáticos e filosóficos e ainda os meus discursos parlamentares. De todas estas obras, eu destacaria o livro “Harmonias Sociais” que conheceu grande divulgação na época.

TI – Manuel de Arriaga foi um romântico nos gostos literários e na poesia...

MA - Sim, fui um poeta romântico, de base religiosa e idealista. Nos meus poemas cantei Deus, a Alma, a Natureza, a Família, a Paz Universal e outros conceitos ao gosto de certo humanismo da época.

TI – Após esses anos de escrita, será novamente chamado à política ativa.

MA - Sim, é verdade. Em 1911, com 70 anos de idade, fui chamado à chefia do Estado Republicano. E fui eleito Presidente

da República, tomando de imediato posse do cargo. Iniciava aqui a fase mais controversa e politicamente mais conturbada da minha vida.

TI – Como caracterizaria o seu mandato enquanto Presidente da República?

MA - Enquanto Presidente da República tentei consolidar a República em Portugal, num período particularmente difícil para o país. Cultivei uma outra forma de fazer política, que se baseava numa ética de responsabilidade, ou seja, um sentimento de dever moral e cívico de trabalhar para o bem da comunidade e para os benefícios dos outros. Lutei, com todas as minhas forças, pela democratização e laicização das instituições. Sonhei com uma República que fosse “Escola, Oficina, Museu, Jardim” – que eram para mim os pilares do desenvolvimento de Portugal.

TI – É verdade que saiu da presidência mais pobre do que quando nela entrou?

MA - Não conheci benesses nem mordomias. Bem pelo contrário. Enquanto Presidente da República fui obrigado a pagar renda de casa, não tinha protocolo, nem Conselho de Estado. Fui aconselhado a comprar um automóvel para as deslocações oficiais, mas tive de o pagar do meu bolso também. Na falta de um secretário, convidei o meu filho, Roque de Arriaga, para essa função.

TI – E nem tudo correu bem no seu mandato...

MA -Presidi ao país num período muito conturbado, e senti muitas dificuldades em conciliar partidos e ideais opostos. Basta dizer que, durante o meu mandato, de 1911 a 1915, empossei oito governos. Depois, em 1914, com o início a Primeira Guerra Mundial, os políticos dividiram-se quanto à entrada de Portugal no conflito armado. Para grande tristeza minha, entrámos nessa guerra para sermos “carne para canhão” ...

TI – No dia 26 de maio de 1915 resignou ao cargo de Presidente da República. Porquê?

MA - Porque os partidos não se entendiam, havia muita agitação social nas ruas, muita instabilidade, muita violência... E eu estava consciente da minha falta de poderes para impor soluções adequadas, o que me deixou verdadeiramente descontente e

desgostoso. Na sequência de gravíssimos incidentes militares, e para acalmar o exército, chamei ao governo o general Pimenta de Castro, e esse foi o meu maior erro. Pimenta de Castro impôs ao país uma ditadura, tendo como primeiras medidas encerrar o Parlamento e amnistiar Paiva Couceiro e outros monárquicos. Não me restou outra solução senão resignar. E saí da presidência sem honra nem glória.

TI – Em 1916 publicou o seu último livro intitulado “Na Primeira Presidência da República Portuguesa”, uma espécie de memórias onde procura justificar a sua linha de atuação política. Qual o legado que Manuel de Arriaga deixa para a História?

MA - Julgo ser a defesa intransigente da liberdade e da democracia e, modestamente, acho que deixei uma ideia de futuro para a Europa.

TI – Os seus conterrâneos referiram-se a si utilizando adjetivos tais como: “altruísta”, “pacificador”, “magnânimo”, “bondoso”, “honrado”, “idealista”, romântico”, “virtuoso”, etc. Para Eça de Queiroz, Manuel de Arriaga foi “o santo da Democracia”. Todos o veneravam: Antero de Quental, António José de Almeida, Elias Garcia, Magalhães Lima, Latino Coelho, Jacinto Nunes...

MA -... menos o Teófilo Braga, que tinha muito mau feitio...

TI – No dia 5 de março de 1917 faleceu Manuel de Arriaga na cidade de Lisboa.

MA - Desculpe lá. Mas se eu já morri, o que estou aqui a fazer?... (risos)

TI – ... E no dia 17 de setembro de 2004, os seus restos mortais foram trasladados para o Panteão Nacional!

MA - Folgo em saber. Muito obrigado pela entrevista. Saúde e fraternidade e viva a República! ■

ESMA comemorou Dia da Escola

No passado dia 15 de maio, a Escola Secundária Manuel de Arriaga comemorou o seu Dia da Escola.

O programa iniciou-se com a celebração da Eucaristia no recinto escolar, presidida pelo Rev. Pe. Paulo Silva e animada pelos alunos de Educação Moral e Religiosa Católica e alguns docentes.

Para além de um conjunto de variadas atividades desenvolvidas pelos alunos e grupos disciplinares, foi realizada a apresentação de um carimbo e quatro selos de quatro igrejas que já não existem na nossa paisagem: as da Praia do Norte, Flamengos, Conceição e Cedros, destruídas quer por sismos, quer por incêndios. Foi apresentado na mesma altura um selo e um postal evocativos dos 50 anos do 25 de abril, tudo iniciativas do Clube de Filatelia “O Ilhéu”.

As celebrações terminaram no Teatro Faialense com a Sessão Solene.

O Dia da Escola foi instituído para ser comemorado a 15 de maio, dia em que se constituiu de forma definitiva, em 1854, o Liceu Nacional da Horta, do qual a Escola Manuel de Arriaga é a continuadora. ■